

IV.-

Caminhos de inquietude.

A organização do contrabando no concelho de Melgaço

ALBERTINO GONÇALVES

Professor Associado do Departamento de Sociologia e investigador do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade, ambos da Universidade do Minho.

RESUMO:

Desde que há memória, o contrabando sempre constituiu, a par da emigração, uma das actividades económicas mais importantes da população de Melgaço, um dos concelhos portugueses com maior proporção de fronteira. O contrabando é uma actividade oportunista que tira partido das vicissitudes da fronteira, apesar de lucrativo, o negócio do contrabando gerou poucas riquezas.

ABSTRACT:

Since there is memory, the smuggling always constituted, at par of the emigration, one of the most important economic activities of the population of Melgaço, one of the Portuguese town councils with biggest proportion of border. The smuggling is an opportunist activity which takes set off from the vicissitudes of the border; despite being lucrative, the business of the smuggling generated little wealth.

Desde que há memória, o contrabando sempre constituiu, a par da emigração, uma das actividades económicas mais importantes da população de Melgaço. Mobilizou todo o tipo de pessoas: carenciados e remediados, homens e mulheres, adultos e crianças.

A figura da mulher contrabandista é consagrada em vários textos literários. Recorde-se, por exemplo, o conto de Miguel Torga, "A fronteira" (*Novos Contos da Montanha*, 1944), dedicado ao amor dilacerado entre um guarda republicano e uma mulher contrabandista. As mulheres ajudavam nas cargas, por vezes, tanto quanto os homens. Algumas ocuparam lugares destacados nas redes do contrabando e da emigração. E alguns dos processos mais volumosos arqui-

vados no Tribunal da Comarca de Melgaço dizem-lhes respeito. Muitas entregavam-se ao pequeno contrabando, por conta própria, de ovos, galinhas, café e outras mercadorias. Recorriam, inclusivamente, a peças de vestuário adaptadas para disfarçar o transporte.

Quanto à participação das crianças, os próprios professores se queixavam das faltas às aulas por motivo de trabalho no contrabando. O seguinte ofício, de 2 de Junho de 1941, dirigido ao Director do Distrito Escolar de Viana, é, a este propósito, deveras elucidativo:

Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que, como o demonstra o mapa mensal referente a Maio, a frequência média da 3ª classe desceu de 33, em Abril, para 27. A causa desta anormalidade filia-se na razão de os pais de muitas crianças as mandarem para a “frota” – nome por que é conhecido o contrabando de ovos e sabão para a Espanha. Tenho empregado os maiores esforços desde o pedido servil até à intimidação, mas como os lucros são fabulosos – uma criança chega a ganhar por dia 30 e 40\$00, e a miséria é grande, nada tenho conseguido. Sei que não é esta escola a única a sentir estes perniciosos efeitos do contrabando, pois o mal é geral.

Nos picos do contrabando, todos os braços eram, efectivamente, poucos! Os homens acorriam de longe, desciam as montanhas para locais como o Peso, face a Arbo, onde ficavam à espera da próxima carga ou descarga, normalmente nocturna, para ganhar algumas “senhas”. Era, de facto, costume os transportadores receberem senhas em função das cargas, senhas que eram trocadas, nos dias seguintes, por dinheiro. Ainda recentemente foram descobertos, num cofre privado, alguns blocos com senhas que sobraram desses tempos.

Melgaço é um dos concelhos portugueses com maior proporção de fronteira: três quintos do território confinam com a Galiza, num percurso que se estende por 61 km: 22 km de fronteira terrestre e 39 de fronteira fluvial (incluindo os 19 km correspondentes ao rio Minho). O traçado e a extensão da linha de fronteira, associados à intensidade e à diversidade do contrabando e da emigração clandestina, justificaram que Melgaço tivesse a maior secção da Guarda Fiscal de todo o Vale do Minho. Em 1961, serviam, neste concelho, 2

sargentos, 16 cabos e 74 soldados distribuídos por 17 postos.

Neste contexto, o contrabando, para ser bem sucedido carecia de boa organización. Havia varios "patrões" do contrabando. Alguns juntavam-se constituindo uma especie de consorcios, como, por exemplo, o do "Eixo" composto por meia dúzia de "patrões". Havia os lugar-tenentes, homens de confianza que se distinguían tanto pola súa capacidade como pola súa lealdade, os capatazes, os condutores, os bateleiros, os transportadores, os informadores... Mais os fornecedores, os intermediários e os clientes. Para além dos recursos humanos, eran aínda necesarios meios lóxicos: barcos, carros e camiões, para o transporte; meios de comunicación (por exemplo, radiotransmissores); armazéns e esconderijos (visíveis en muitas casas construídas nos anos 1950 e 1960). Algun investimento en negocios de fachada tamén era conveniente para encobrir e branquear a actividade do contrabando. Tão pouco podían faltar os meios financeiros. A candonga e o mercado negro atingiram dimensões extraordinárias. Multiplicáronse os postos de câmbios. Debido à emigração e ao contrabando, Melgaço desfrutava, en 1975, de uma das mellores coberturas bancárias de todo o País.

Tamánha complexidade não impedia que as redes do contrabando fossem ágeis e flexíveis, capazes de responder, de inmediato e sem falhas, às urgências e pressões do momento: um carregamento imprevisto, uma alteração do plantão da guarda, uma troca de itinerário ou a trasladação da mercadoria de um armazém para outro ditada por uma ameça de busca...

De qualquer modo, dois ingredientes permanecían cruciais para o sucesso do contrabando: a confianza recíproca e o saber práctico. Interdependentes, os "trabalhadores do contrabando" tinham que confiar uns nos outros, fosse qual fosse o lado da fronteira. Era um jogo muito sério em que competía a cada um (chefe, fornecedor, cliente, transportador, informador e, até, vizinho) comportar-se segundo as expectativas, ou seja, em conformidade com os seus compromissos e as súas responsabilidades. Caso contrário, a cadeia rompia-se, e, sem ela, pouco ou nada se conseguiría. É certo que, aquí e além, sobrevivían pequenos abusos e algumas picardias. Contam-se, por exemplo, histórias de água nos odres de azeite e de excesso

de peso nas amêndoas humedecidas. Nada, porém, que ultrapassasse os limites ou fizesse perigar a continuidade do negócio.

O saber prático, transmitido de geração em geração ou conquistado pela experiência, orientava, por sua vez, as decisões e as ações quotidianas, referindo-se aos produtos, ao rio, à meteorologia, aos trilhos, aos animais (evitar, por exemplo, o ladrar dos cães) e às pessoas. Saberes que davam azo a uma linguagem própria. Sob risco de esquecimento e de perda irrevogável, urge recolher e estudar os contornos e os conteúdos destes saberes inerentes à lide do contrabando.

Toda esta panóplia de recursos, de posturas e de saberes de pouco serviria sem a conivência das autoridades. Importava assegurar e custear a sua cumplicidade. Cobravam à carga ou, mais raro, ao mês. Era, assim, normal a peregrinação de guardas fiscais pelas casas dos "contribuintes" ou, então, a sua presença, discreta mas vigilante, durante o despacho "contabilizado" das cargas. Nem todos os guardas aceitavam colaborar. Dos mais renitentes se ocupavam os próprios colegas. Nas rondas, sempre aos pares, um vigiava o outro. Na primeira ocasião, eram destacados para postos, como, por exemplo, o da Ameixoeira, em Castro Laboreiro, onde o incómodo resultava menor.

Mas o transporte das mercadorias não se confinava à linha da fronteira. Alguns produtos vinham de Lisboa e destinavam-se a Madrid. As pessoas abasteciam-se de ovos nas feiras de Ponte de Lima. Os fornecedores do café estavam sedeados em Braga, no Porto e em Lisboa. Por detrás do ouro e da prata estavam bancos nacionais. Os fios da rede era de tal ordem que, segundo consta, houve períodos em que o comboio parava ou abrandava antes de chegar às estações, como, por exemplo, a da Frieira, para receber ou largar mercadoria. A simples consulta de processos arquivados nos tribunais, minuciosamente instruídos pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), elucida-nos sobre quão extensas e labirínticas podiam ser as malhas do contrabando e da emigração clandestina. Boa parte das apreensões de contrabando não era feita nas imediações da fronteira mas nas estradas que ligavam ao Porto ou a Vigo. Era, por isso, imperativo "trabalhar" as autoridades a montante e a

jusante.

Os ganhos dos pequenos contrabandistas não davam para conquistar as boas graças das autoridades. Sobre eles incidia, precisamente, o seu zelo. Não lhes perdoavam uma galinha e por uma bagatela eram autuados. Mesmo assim, num ou noutro ano, o volume das apreensões não bastava para mostrar serviço às instâncias superiores. Nestas circunstâncias, a fazer fé em vários testemunhos, os principais contrabandistas chegaram a quotizar-se cedendo as mercadorias necessárias para que a "colheita" dos guardas locais conseguisse encher ou tapar os olhos às administrações centrais.

As memórias do contrabando costumam encantar-nos com narrativas que parecem retiradas de romances picarescos: as mil e uma artes de ludibriar as autoridades, as reacções de esperteza face a desafios imprevistos, a passagem de camiões desmontados nas pequenas embarcações do rio Minho, as solidariedades espontâneas ou as bizarras de um companheiro. Mas existe uma outra face que espreita por entre estas palavras. O contrabando implicava uma vida de risco, de esforço e de sacrifício. As cargas eram pesadas e mal feitas. Uns não se davam bem com o sabão, outros com a chapa, outros com os couros, outros com a amêndoa, outros, ainda, com a tripa. Os sustos de outrora ainda agora arrepiam: uma turbulência no rio escuro ou a intercepção brusca de um agente da PIDE. Apesar da boa organização e do estreito entendimento com as autoridades, não deixava de haver apreensões, multas, dívidas, humilhações, perseguições, prisões e, até, mortes. Mulheres foram encarceradas em cadeias tão distantes como a de Orense. As mortes no rio Minho, às mãos da natureza ou das autoridades, portuguesas ou espanholas, não eram raras. Atente-se na notícia que segue, publicada na década de 1950 num jornal de Melgaço:

Aparecimento de cadáver – Em 27 do mês findo, apareceu na Valinha, a boiar nas águas do rio Minho, o cadáver de José Fernandes, mais conhecido pelo "Zé do Diabo", de Penso, que uns quinze dias antes, quando pretendia passar uma pequena porção de café para a Galiza, foi abatido a tiro pelos carabineiros.

Uma entre muitas tragédias. Por exemplo, dois jovens foram mortos a tiro, vítimas, segundo testemunhos, de uma denúncia que os descreveu, ao arrepio da verdade, como perigosos e armados. As denúncias, as ganâncias, os conflitos e as rivalidades também eram fruto da época. Acrescente-se que havia quem se sentisse, directa ou indirectamente, prejudicado nos seus negócios, por sinal legais, com os efeitos do contrabando. A memória desses tempos tem sombras.

O contrabando é uma actividade oportunista que tira partido das vicissitudes da fronteira. Constitui, portanto, um fenómeno bastante instável. Depende do muito que acontece, perto e longe, em Espanha, em Portugal e na relação entre os dois países. O mundo do contrabando é feito de mudança. Em poucos anos, sofre transformações radicais. Ora é mais num sentido, ora se inverte. Um dado produto, como o azeite, ora vai, ora vem. Tal produto ora dá, ora deixa de dar, ora volta a dar. Uma fase, como a do gado, sucede a outra, como a do café. Entretanto, os locais privilegiados de passagem deslocam-se do rio Minho para a raia seca. As vacas, antes "cordeadas" através do rio, caminham, agora, pelos planaltos. Num canto, fecham-se as pequenas lojas, no outro, proliferam as garagens para estacionamento de gado. Mudam os próprios protagonistas: os "patrões", os "lugar-tenentes", os "transportadores", os fornecedores e os clientes deixam de ser os mesmos.

Qualquer reflexão sobre os efeitos do contrabando ganha em atender a estas alterações, tornando-se sensato admitir que a épocas distintas podem corresponder realidades e consequências distintas. No que me diz respeito, vou-me cingir, em jeito de conclusão, a um breve apontamento genérico.

O balanço dos efeitos do contrabando suscita um consenso bastante alargado. Apesar de lucrativo, o negócio do contrabando gerou poucas riquezas. E estas, tal como os filhos, acorreram às cidades e às áreas metropolitanas. O investimento produtivo local resultou deveras escasso (insisto no facto de o contrabando ser uma actividade económica oportunista e, como tal, poder estar pouco vocacionada para o investimento produtivo racional). O contrabando não sustentou a descolagem do desenvolvimento económico local, mas garantiu a sobrevivência condigna a uma população ameaçada pela

miséria.

Esta espécie de balanço global não deve, no entanto, menosprezar o impacto local do contrabando. Basta percorrer a paisagem para o sentir. Antes da quebra recente, vários "oásis" do contrabando, como S. Gregório (na freguesia de Cristóval), eram animados por um rodopio de pessoas em busca de algum negócio ou de alguma oportunidade. Entretanto, a azáfama desertou, os comércios fecham, as propriedades vendem-se e a população diminui.

Convém não dissociar o contrabando da emigração. Por um lado, como reparou um entrevistado, "mal o contrabando dava sinais de esmorecer logo a emigração recrudescia. Todos os dias, partia alguém." Por outro lado, o contrabando, tal como a febre do volfrâmio, preparou o terreno para o surto emigratório dos anos 1950 e 1960. Ambos contribuíram para retirar parte da população da rotina do trabalho agrícola. Independentemente desta ou daquela lufada de prosperidade, ambos acalentaram ambições, abriram expectativas e alargaram horizontes. Uma vez dado o passo, ninguém concebia regressar ao antigamente. O volfrâmio e o contrabando propiciaram, também, vivências, conhecimentos e relações passíveis de mobilização noutros contextos e noutras paragens. Proporcionou-se, em suma, um sentimento de inquietude com asas de esperança, uma das molas mais decisivas da emigração. Não é, certamente, por acaso que Melgaço primou, ao nível do país, tanto pelo contrabando como pela emigração. E, cada um a seu modo, ambos semearam a realidade actual.